

CEP – CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

TRABALHO CICLO IV

Aluna: Laiz T, Dietschi

Título: ESTRANHO AMOR

MAIO DE 2013

TRABALHO CEP

Ciclo IV – maio/2013

CIÚME

“Estranho amor”. É com este título que uma revista elenca alguns assassinatos encabeçados pelo mais recente crime, dito passional, ocorrido num bairro de São Paulo. Os elementos que chegam ao conhecimento público em todos os casos são amarrados em uma palavra: ciúme.

Grandes escritores já se debruçaram sobre o tema do ciúme. Machado de Assis em D. Casmurro, muito mais do que defini-lo, apresenta o ciúme na sua construção mental em que o protagonista narrador revela ao leitor os caminhos através dos quais os pensamentos vão construindo, numa lógica própria, o percurso dos sentimentos de desconfiança e de raiva supostamente justificadas que recebem a chancela de verdade verdadeira. A ideia neste trabalho não é discutir se Capitu foi ou não fiel, se D. Casmurro está justificado em suas ações. Trata-se antes de fazer um exercício de escuta psicanalítica para o narrado, numa tentativa de levantar hipóteses sobre a tragédia silenciosa que culmina no aniquilamento e no assassinato simbólico do outro significativo. Como definir a sensação que tive de um apagamento progressivo de sentimentos relativos a perdas, algo que coincide, de certa forma, com o transmutação de Bentinho em D. Casmurro?

O romance Dom Casmurro, ambientado no Rio de Janeiro do final do século XIX, versa sobre o amor de infância entre Bentinho, personagem título, e Capitu. A história é contada desde a perspectiva do primeiro, já Casmurro. A definição para a alcunha aparece no início do romance. Trata-se de alguém recluso, mal humorado: "...calado e metido consigo mesmo"; "os vizinhos não gostam dos meus hábitos reclusos e calados" (p. 5). O Dom refere-se, por ironia a fidalgo, imagem de grandiosidade.

Bentinho, já Casmurro, suponho que ao redor dos 60 anos de idade rememora diante do leitor e segundo sua subjetividade o que teria sido a ascensão e queda de um grande amor. Dessa forma, a meu ver, expõe seu ciúme e sua relação com os diferentes personagens de sua história ao longo de sua vida. O narrador protagonista descreve com minúcia o encadeamento de seus afetos

ao rememorar fatos da infância capazes de justificar o julgamento de cada personagem, segundo seu modo de apreciar o mundo.

Ambos, Capitu e Bentinho, são vizinhos na infância. Esta proximidade e a amizade evoluem para o amor da adolescência e, a seguir, para o casamento. A origem de Capitu é mais modesta que a de Bentinho em termos econômicos, o que limita sua escolaridade. Apesar de na época ser suficiente à mulher ser alfabetizada, o que lhe dava acesso aos romances e folhetins, aos livros de reza e aos de receitas. Além do mais tocar piano e cantar era algo desejável em uma moça, coisa que Capitu conquista depois do casamento. Bentinho vem de família abastada. A mãe é viúva, possui vários bens e vive da renda que o aluguel dos mesmos. Bentinho não tem praticamente nenhuma recordação do pai. A mãe vive para a Igreja e para o filho. Na casa moram também tio Cosme, irmão da mãe, tia Justina, uma prima e o agregado José Dias. Uma conjunção um tanto estéril entre masculino e feminino.

A ligação de Bentinho com a mãe faz pensar na ausência do pai, o qual se faz presente apenas pelo retrato antigo. Esse filho tão precioso é quase fruto de uma ligação divina em que o pai foi mero coadjuvante. Dona Glória, a mãe, fez a promessa de que se Deus lhe desse o filho tão desejado, ela daria à Igreja um padre.

Desta forma, Bentinho toma conhecimento, ao entrar na adolescência e já ciente de sua atração por Capitu, que fora consagrado ao sacerdócio. Mas não a qualquer lugar no sacerdócio, e sim a um lugar mais importante como bispo, cardeal ou até mesmo papa.

Ele se vê enredado em uma situação sem saída. Não tem coragem de enfrentar a mãe. É Capitu que o encoraja a não engajar-se numa luta aberta com ela, mas a esperar o momento certo para fazer valer seu desejo de não ser padre. Algo de sua sagacidade, dissimulação são apreendidos como capacidade de enganar, enredar.

No seminário conhece Escobar e a amizade se fortalece entre os dois. Todos os adjetivos são poucos para classificar e descrever o amigo. É ele que encontra a saída de Bentinho do seminário ao argumentar que a promessa da mãe não se referia a ele especificamente, mas que poderia ser cumprida com a ordenação de qualquer outro vocacionado que a mãe financiasse no seminário.

Na idade adulta Escobar casa-se com a melhor amiga de Capitu, Sancha; Bentinho casa-se com Capitu. Forma-se um quarteto impenetrável com Escobar/Sansha e Bentinho/Capitu. Não se toma conhecimento de outras relações sociais de amizade, fora as da família. Os primeiros anos de casados são marcados por uma convivência muito íntima dos dois casais. Depois de algum tempo

e, principalmente, depois da morte prematura de Escobar, as recordações de D. Casmurro sobre a infância e adolescência são significativas para o desenrolar dos acontecimentos. Nas recordações, surgem observações emprestadas de outros sobre o caráter, quem sabe, duvidoso de Capitu. Elas parecem engrossar o caldo dos ciúmes que, desde sempre, eu suponho estiveram presente em Bentinho/D. Casmurro: *olhos de cigana oblíquos e dissimulados*.

Bentinho e Othelo

Há uma passagem do romance em que Bentinho vai a Ópera para assistir Othelo, saindo de lá convencido da traição de Capitu. A ideia de suicídio já passeava em seus pensamentos: "certa ideia, que negrejava em mim, abriu as asas e entrou a batê-las de um lado a outro, como fazem as ideias que querem sair."(p. 160). Mas ele desiste do suicídio.

A visão da morte de Desdêmona, ainda que inocente, tocou-o de forma a concluir que sendo inocente, fora morta com um travesseiro; qual teria sido sua morte caso fosse culpada, como acreditava ser Capitu? O fogo, para transformá-la em pó disperso sem lugar ao menos para sepultura seria um castigo à altura. É a partir daí que desiste do suicídio, enveredando pela destruição total do vínculo que já vinha desenhando-se lentamente.

É curiosa a presença da tragédia de Shakespeare, o que me faz pensar na fantasia de traição que parece ter sido cultivada desde a infância por Bentinho. Ao contrário de Othelo, o crime é perpetrado internamente. Capitu vai sendo asfixiada lentamente conforme os pensamentos vão sendo urdidos a fim de darem sentido ao que acredito ser a fantasia de traição. No caso de Othelo o espinho que alimenta o ciúme é cravado por Iago. Há toda uma criação que vai alimentando as desconfianças de Othelo, a partir de confabulações externas. A urdidura se dá no mundo externo, sua execução e confirmação, no interno. No caso de Bentinho, as articulações se dão no pensamento, Iago se encontra dentro dele.

O suposto terceiro vértice do triângulo amoroso, Escobar, grande amigo e ex-colega de seminário, morre por afogamento. O curioso é que as suspeitas começam a ganhar substância quando Capitu é observada por Bentinho no velório e algum aspecto do seu olhar é captado como evidência de que algo havia entre os dois. A sutileza machadiana não expõe um assassinato como o apresentado por Shakespeare, mas a tragédia se apresenta na destruição simbólica de Capitu e seu filho, que Bentinho crê, de forma crescente e inequívoca, ser de Escobar.

Quando Capitu finalmente o confronta com a suspeita e fica evidente que ele não se crê o pai de Ezequiel, ela diz "pois até os defuntos! Nem os mortos escapam a seus ciúmes."(p.166). O

leitor toma conhecimento que Bentinho era ciumento. O episódio de Capitu, desfilando no teatro com os braços nus, mostram aí uma fantasia de traição. Os braços nus entrelaçando-se em mangas de casacas enquanto desfilava pelo salão, parece uma alusão à potência sexual de outros homens e à capacidade de Capitu de atrair esta atenção sobre si. Para conter os ciúmes de Bentinho, Capitu evita sair de casa e quando sai, sai com os braços cobertos.

A separação acontece. Capitu e Ezequiel, então em torno dos 5 anos, mudam-se para Europa. Ambos, mãe e filho, acabam desaparecendo da vida do protagonista.

Capitu morre anos depois. Ezequiel, o filho, retorna adulto ao Rio de Janeiro para ver o pai que ao encontrá-lo reitera suas convicções, vendo em Ezequiel o retrato de Escobar. Ezequiel morre pouco depois de febre em uma excursão arqueológica em Jerusalém. Seu corpo é enterrado lá. Bentinho consolida sua transformação em D. Casmurro. Está só, parecendo ainda em busca da lógica capaz de justificar suas ações e crenças. Escreve suas memórias e convida o leitor a ouvi-lo. Confidencia-lhe seus pensamentos mais secretos, como se não pudesse formular as questões que poriam em dúvida suas certezas. Parece buscar no leitor o interlocutor capaz de formulá-las.

O Ciúme

Mas o que é o ciúme? Como entender esse sentimento que surge, via de regra, como algo capaz de justificar um ato de agressão? Como a Psicanálise entende o ciúme? Qual o mecanismo que na teoria sustenta esse sentimento que pode ser tão destrutivo?

Segundo Freud (1922)¹, há três graus de ciúme descritos como 1) *competitivo ou normal*, 2) *projetado* e 3) *delirante*.

O primeiro, **competitivo**, embora dito normal, não é considerado completamente racional, ou seja, derivado de situação real, sob o controle do ego consciente. Encontra-se enraizado nas primeiras manifestações da vida emocional da criança, originando-se do complexo de Édipo, ou de irmão-e-irmã do primeiro período sexual. Em certas pessoas, é experimentado bissexualmente. Assim, "...um homem não apenas sofrerá pela mulher que ama e odiará o homem rival, mas também sentirá pesar pelo homem, a quem ama inconscientemente, e ódio pela mulher, como sua rival.

O segundo, ciúme **projetado**, deriva-se de sua própria infidelidade, real ou reprimida. Trair ou fantasiar a traição, segundo Freud, pode gerar sentimentos desagradáveis apenas amenizados com a projeção de seus próprios impulsos de infidelidade naquele ou naquela a quem deve

¹ Alguns Aspectos Neuróticos no Ciúme, na Paranoia e no Homossexualismo – vol. XVIII, Imago 2006.

fidelidade. Nesse sentido, a percepção de impulsos semelhantes no companheiro ou companheira, justificaria o julgamento de que o outro não é melhor.

Nesse sentido, o ciumento se vale de sua percepção para detectar qualquer possível movimento do parceiro ou parceira para justificar seu ciúme. Dessa forma, a acusação acaba encontrando algum eco. Freud diz que o flerte é, na verdade, salvaguarda para a infidelidade real, coisa que o ciumento desconhece. Para Freud, o ciúme projetado tem caráter quase delirante, mas passível de trabalho analítico.

O terceiro caso é do **ciúme delirante** o qual também tem origem em impulsos reprimidos em relação à infidelidade, mas o objeto é do mesmo sexo do sujeito. Freud diz que "...é o sobranço de um homossexualismo que cumpriu seu curso e corretamente toma sua posição entre as formas clássicas de paranoia". (idem p. 238). A defesa do homem contra um impulso homossexual poderá ser expressa na fórmula: *eu não o amo; é ela que o ama*.

Retomando D. Casmurro sob esta ótica freudiana, pode-se pensar no seguinte: dado as consequências destruidoras que a construção de Bentinho alcançou, penso que seu ciúme não se enquadra na primeira classificação freudiana; penso que num primeiro momento há uma projeção de seus próprios sentimentos de infidelidade. Isso fica claro na descrição feita de certo encontro com Sancha em que suas mãos se tocam e algo semelhante a um impulso à infidelidade toma conta de Bentinho.

No entanto, o grau agudo de ciúme que coloca um morto como rival a ser eliminado, faz pensar que caberia uma leitura da situação no romance como na fórmula expressa nas seguintes assertivas: *eu não o amo; é ela que o ama*, ou seja, delirante, o que inscreve o D. Casmurro no âmbito da paranoia. Nesse sentido, o ciúme de Capitu poderia ter funcionado como defesa contra uma possível regressão a uma fase do narcisismo em que a escolha de objeto ainda não é um fato. A atração era em relação a Escobar.

O curso dos meus pensamentos me levaram a Melanie Klein e sobre sua teoria da inveja. Minha intenção nesse trabalho não é a de fazer uma exposição de sua teoria, mas apenas a de tentar estabelecer como possível uma relação entre o ciúme do personagem título do romance com algo mais primitivo em sua constituição.

Qual a diferença entre inveja e ciúme?

Para Melanie Klein (apud Hanna Segal)², a distinção entre inveja e ciúme encontra-se no estabelecimento da inveja como uma das emoções mais primitivas e fundamentais. Nesse sentido diferencia esta do ciúme e da voracidade. O ciúme pertence a uma relação triangular, visando a posse do objeto amado e à remoção do rival.

A inveja pertence a uma relação dual. O sujeito inveja o objeto por alguma posse ou qualidade. Nenhum outro objeto precisa entrar nessa relação. Enquanto a inveja é uma relação de objeto parcial, embora persista uma relação de objeto total; o ciúme pertence a uma relação de objeto total.

O objetivo da inveja é que se seja tão bom quanto ele, mas quando isso se mostra impossível, torna-se necessário danificar a bondade do objeto a fim de remover a fonte de sentimentos invejosos. Para Klein é esse aspecto da inveja que é destrutivo para o desenvolvimento, uma vez que a própria fonte de bondade da qual o bebê depende é tornada má, inviabilizando as intuições boas. Por atacar a fonte de vida, pode ser considerada a mais primitiva externalização da pulsão de morte.

A voracidade quer apoderar-se de toda a bondade do objeto, sem levar em conta as consequências, o que pode levar à destruição do objeto e à danificação de sua bondade. No entanto, essa destruição não é intencional. A isso chama de aquisição desapiedada.

No caso de Bentinho não há suficientes indícios de como teria sido sua relação com a mãe nos primórdios de sua constituição. Pode-se levantar a hipótese acerca disso pela referência que ele faz a ela em diferentes passagens das quais uma se destaca. Em sua lápide uma única inscrição: Santa. Nessa expressão, não cabe uma referência humana com aspectos bons e maus, mas a perfeição. A ideia de que havia no personagem título uma patologia ligada a inveja ganha alguma sustentação em que, embora houvesse uma relação com objetos totais, são os aspectos desses objetos que são atacados: o olhar, a beleza, a virtude, docilidade, sensatez.

Deixemos de lado, por um momento, a inveja para lançar um olhar sobre a perspectiva exposta por Hugo Bleichmar³ no capítulo intitulado Transtornos Narcisistas no qual aborda a questão do narcisismo e da agressividade onde há um olhar sobre a questão do ciúme.

Narcisismo e agressividade

² Introdução à Obra de Melanie Klein, Imago, 1975.

³ O Narcisismo: estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente. Artes Médicas, 1985.

A relação entre prazer narcisista e agressividade é apresentada segundo a visão de Kohut a partir da necessidade de recuperar o sentimento de potência e domínio sobre pessoas e coisas nas quais se baseava a autoestima. A raiva narcísica na forma de rompante ou vingança retardada não seria efeito do narcisismo lesionado, mas uma tentativa de sair de uma situação traumática, um princípio de transformação.

A raiva expressada é mensagem reasseguradora para o narcisismo. A raiva sentida e, portanto, não expressada ou atuada pode ser significada como nova demonstração de impotência. O sentimento de impotência nesse sentido constitui um ataque ao narcisismo. A agressividade e a destruição do outro seja moral ou física, acaba por dar a ideia de afirmação narcisista.

Para o autor, o ataque de ciúme tem um papel na economia intrapsíquica: controlar o outro e forçá-lo a amar o sujeito através da culpa e do terror. O princípio da fidelidade, a que o ciúme apela não se refere à convenção social. O princípio da fidelidade é usado em benefício próprio em que o sujeito pode falar em nome da lei para tentar obter algo do outro.

Na raiva narcisista, o sujeito não se conforma com seu distanciamento da situação dolorosa, não tenta deixar de sofrer, separando-se da lembrança desagradável. Parece que o fato de o outro ocupar um lugar em que é necessitado como objeto de amor coloca-o em uma posição superior. “A rejeição amorosa gera tanta hostilidade porque, ao ter esperado algo do outro, o sujeito revelou-se como necessitado, inferior ao que pode prescindir dele.” (p. 125)

Quando não se faz possível a substituição do objeto “... para estancar o narcisismo, e o que se deseja em primeira instância é vingar-se e humilhar o outro, resulta assim porque o que humilhou foi situado pelo próprio sujeito no único lugar que seria digno de valor. Até desalojá-lo dali, não poderá passar a ocupá-lo.

Aqui eu diria que essa descrição aproxima a raiva narcísica da inveja, pois ela aponta mais para uma relação dual em que o ciúme aponta para algo que ilustra um lugar de destaque ocupado pelo outro na economia do amor e não para a eliminação de um rival.

A agressividade como expressão da raiva e da vingança depende, segundo o texto de Bleichmar das seguintes condições estruturais: que exista uma oposição entre o eu e o outro e que exista um lugar valorizado que seja ocupado pelo outro.

Na impossibilidade de concluir alguma coisa...

É difícil fazer um “diagnóstico” de Bentinho levando em conta o caminho empreendido por ele com seu ciúme. A questão que fica para mim seria a de pensar que minha hipótese é de que

não se tratava de uma relação triangular suscitando o ciúme e que de alguma forma havia uma satisfação sádica na desqualificação de Capitu. Nesse sentido, pode-se abordar seu ciúme desde uma perspectiva kleiniana como inveja ou na perspectiva de Kohut como expressão da raiva narcísica.

Uma canção antiga de que me lembrei ao pensar a questão do ciúme segue abaixo. Refere-se aos sentimentos de rejeição reais ou imaginados atrelados ao ciúme e resumidos no gosto popular pela expressão *dor de corno*. Parece que dentre todos os sentimentos o poeta salienta o desejo de vingança diante da afronta e a vingança não é nada menos do que a aniquilação total do objeto, ao menos na fantasia. Quando escapa daí, ganha as manchetes policiais.

Vingança (Lupicínio Rodrigues)

Eu gostei tanto,
Tanto quando me contaram
Que lhe encontraram
Bebendo e chorando
Na mesa de um bar,
E que quando os amigos do peito
Por mim perguntaram
Um soluço cortou sua voz
Não lhe deixou falar.
Eu gostei tanto,
Tanto, quando me contaram
Que tive mesmo de fazer um esforço
Prá ninguém notar.
O remorso talvez seja a causa
Do seu desespero
Ela deve estar bem consciente
Do que praticou
Me fazer passar tanta vergonha
Com um companheiro
E a vergonha
É a herança maior que meu pai me deixou;
Mas, enquanto houver força em meu peito
Eu não quero mais nada
Só vingança, vingança, vingança
Aos santos clamar
Ela há de rolar como as pedras
Que rolam na estrada
Sem ter nunca um cantinho de seu
Pra poder descansar.

BIBLIOGRAFIA

BLEICHMAR, H. O Narcisismo: estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente. Artes Médicas – Porto Alegre, 1985.

FREUD, S. Alguns Aspectos Neuróticos no Ciúme, na Paranoia e no Homossexualismo – vol. XVIII, Imago 2006

MACHADO DE ASSIS, J. M. D. Casmurro. Abril Cultural – S. Paulo, 1981.

SEGAL, H. Introdução a Obra de Melanie Klein. Imago – S. Paulo, 1975.